

DES(IDEALIZANDO)

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

GETTING RID OF IDEAL MODELS

Resumo: Des-idealizar é trazer a experiência do plano divino para o humano. Divinizar o outro ou a relação é próprio do estar apaixonado, mas não permanecemos indefinidamente nesse estado. O cotidiano abrandando o fogo da paixão e eis-nos de volta ao real, à luta pela sustentação da qualidade da relação. Algo que supõe mais uma forma cuidadosa de manutenção da chama do que a satisfação impulsiva do desejo incontrolável, próprio do estar apaixonado. Paixão é um estado maravilhoso e provisório. Vivências apaixonadas são experiências que integram projetos de felicidade. Na trajetória amorosa, como em tudo, desejamos a felicidade. Mas, ela não é previsível, controlável, não a possuímos, dela não nos apropriamos. Ela não é do tamanho do nosso sonho. Realisticamente, a felicidade não existe em si mesma. O que dela conhecemos são os momentos felizes que conseguimos viver – momentos que são metáforas do admirável.

Palavras-chaves: Paixão. Relação amorosa. Prazer.

Abstract: Deidealize is to bring the experience of the divine plan to the human field. Divinization of the other or of the relationship is related to being passionate, but we not stayed indefinitely in this state. Everyday's life slows the fire of passion and here we are back to be real struggle for sustaining the quality of the relationship. This real struggle assumes more effective maintenance of the flame than when there was an uncontrollable impulsive satisfaction inherent to being in love. Passion is a wonderful and interim state. Passionate experiences integrate happiness projects. In loving experiences, as in everything, we want our happiness. But, it is not predictable, manageable, we can not possess it and we cannot seize it. It is not the size of our dream. Realistically, happiness does not exist in itself. What we know from it are the happy times we live – moments that are metaphors of the brave.

Keywords: Passion. Loving relationship. Pleasure

“Mas assim que se aceite o fato de que até mesmo entre os seres humanos mais próximos continua a existir uma certa distância, uma maravilhosa vida lado a lado pode florescer, se essas pessoas tiverem êxito em amar a distância entre eles, que torna possível que cada um veja a integridade da outra contra o amplo céu”. Rainer M. Rilke

Um tom de otimismo perpassou essa escrita e parece paradoxal encerrá-la com uma (des)idealização, seja do texto, seja das vivências que nele reflito. Isso, contudo, se faz necessário para que a relação amorosa possa ser percebida e sentida do modo mais humano possível, isto é, como de fato ela ocorre. Des-idealizar é trazer a experiência do plano divino para o humano. Divinizar o outro ou a relação é próprio do estar apaixonado, mas não

¹ Capítulo 14 (Des)Idealizando. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997, p. 147-51.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Antropologia. Profª. Adjunta da UNICAP – Recife, PE.

permanecemos indefinidamente nesse estado. *“Era paixão, e a gente ainda brigava pelo reinado”*.

O cotidiano abrandava o fogo da paixão e eis-nos de volta ao real, à luta pela sustentação da qualidade da relação. Algo que supõe mais uma forma cuidadosa de manutenção da chama do que a satisfação impulsiva do desejo incontrolável, próprio do estar apaixonado.

Paixão é um estado maravilhoso e provisório. Nenhuma minimização, porém, o provisório quer, aqui, significar. É a vida em sua ânsia do sempre mais. Tão pouco implica que as vivências apaixonadas não valem a pena por serem tão provisórias. Valem, sim. Elas são experiências que integram projetos de felicidade. Por mais dolorosa que seja essa provisoriedade o indivíduo pode sair enriquecido existencial e emocionalmente da experiência.

Penso num valor que é inerente aos projetos que fazemos de ser feliz. Há uma intencionalidade nesses projetos que estrutura positivamente a busca e facilita a consecução dos objetivos frente à vida e ao que dela pretendemos. Embora nem sempre seja possível realizar o projeto que se tem em mira. Dificuldades e até insucessos interpõem-se na busca que se dialetiza. Isso faz parte do processo. Lembro-me de um insucesso vivido que me valeu uma grande aprendizagem. Oferecendo-me seu apoio Mário Caridade me fazia ver o quanto a luta é digna em si mesma e que necessariamente ela não tem que resultar em vitória. Falava-me de uma dignidade que é inerente ao lutar. Compreendi que, de fato, não haveria muito mérito em lutar se já contássemos com a certeza do sucesso. Foi uma aprendizagem extremamente significativa e valiosa, pela qual sinto um definitivo estado de gratidão.

Creio que a luta amorosa tem também essa dignidade, esse sentido que lhe é inerente, mesmo que não se alcance o cume da experiência. Retalhos de gozo são bem – vindos ao existir mesmo que não nos bastem. Seria miséria erótica se nos bastassem. Contudo, valem enquanto gozo e expressão de busca. Na idealização de se viver apenas o amor extraordinário, perdem-se ocasiões de vivências importantes, ou, mantém-se num estado de pobreza, de miséria amorosa. Não podemos é nos deter ante as máximas do “até que a morte nos separe”, ou seja, “pelo resto da vida”. Na verdade, “resto da vida” é tudo aquilo que se vive ao final de cada etapa. Assim, atravessamos muitos “restos da vida”, porque ela se sucede em estágios que nascem desses finais.

Questiono-me, ainda, sobre o que saberíamos da emoção mais densa se não ensaiássemos a paixão, o amor, a partilha do sonho e do gozo de ser feliz. Nesse sentido, a experiência é

válida mesmo que não dure eternamente. O que se faz (e)terno é o gesto, por mais breve que seja. Por isso, é tão importante que aprendamos os gestos que valem a pena ser eternizados e evitemos aqueles que ferem o eu do outro.

Na trajetória amorosa, queremos, como em tudo, a felicidade. Mas, ela não é previsível, controlável, não a possuímos, dela não nos apropriamos. Ela não é do tamanho do nosso sonho. O sonho é sempre maior. Na verdade não podemos pensá-la concretamente como algo objetivo, que está ali e pode ser definitivamente alcançado. Ela não está nas coisas, no outro ou nos nossos projetos. Realisticamente, a felicidade não existe em si mesma. “*Só para a criança a felicidade pura é possível*”, diz o provérbio chinês. O que dela conhecemos são os momentos felizes que conseguimos viver – momentos que são metáforas do admirável, que escondem uma eternidade.

Viktor Frankl (1978) indica o movimento da felicidade como procedendo de dentro para fora do sujeito e a insere no contexto do sentido da vida. Dessa forma, entendo que a felicidade como o sentido da vida são buscas internas da pessoa. Perdemos tempo em buscá-los fora de nós. O que está fora apenas acorda o que existe dentro. Nessa perspectiva, o autor sugere que não encontramos a felicidade em si, mas razões para sermos felizes. Penso que estas razões estão em nós e à nossa volta, mas frequentemente as desperdiçamos ou nem as percebemos. Permanecemos na utopia de uma felicidade avassaladora. Ora, os motivos que nos fazem felizes podem ser muito pequenos e, no entanto, preciosos. Talvez tenhamos que relativizar a grandiosidade do sonho para encontrar os motivos simples que viabilizem felicidades.

Idealizamos muito porque ansiamos pelo maravilhoso, o melhor e o mais bonito. Sonho legítimos. Mas não podemos olvidar que o maravilhoso esconde-se nas coisas simples. É o olhar interno que plasma o extraordinário, que o inventa e o descobre nas mais diversas circunstâncias. Um olhar, um afago, a roupa que o outro veste para agradar, a inteligência, a graça com que conduz a vida, o jeito próprio de amar, a flor que se abre sob a nossa janela, o sol que brilhou depois da chuva, tudo pode acordar o extraordinário em nós, quando estamos abertos aos gestos do outro, aos movimentos da vida.

Mas, também, outros gestos podem fazer adormecer, inibir em nós o encantamento do extraordinário: a incapacidade do outro dizer que ama, seu ritmo bio-existencial em descompasso, sua incompetência gestual, sua cristalização no igual, sua morosidade no criar. Tudo pode ser ora maravilhoso, ora frustrante.

“O amor, esse sufoco,
agora há pouco era muito,
agora, apenas um sopro
ah, troço louco,
corações trocando rosas,
e socos.”

(LEMINSK, , *apud* CHALHUB, 1993)

Estagnamos a relação se nos detivermos na ilusão da perfeita unidade, na utopia da completude, se não pudermos suportar e amar o outro como ele é: insuportável e maravilhoso. Diria que a relação amorosa é uma busca inquietante e que isso promove um “desassossego” que nos faz permanecer num devir constante.

É no contexto de dores e alegrias que experimentamos o que há de mais denso emocional e sexualmente. O difícil é admitirmos que a realidade amorosa tem essas duas faces. Qualquer parte dela negada nos torna mais pobres experiencialmente. Porque assim é a vida, a existência, o sexo, a música, o universo, as pessoas em relação: *“Não a autocracia de uma única melodia teimosa de um lado. Nem a anarquia de ruídos não testados do outro. Não, um delicado equilíbrio entre ambos; uma liberdade iluminada.”* Bach.

Referências bibliográficas

FRANKL, V. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LEMINSK, P. *apud* CHALHUB, S. **Poética do Erático**. São Paulo, Ed. Escuta, 1993.